



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES - DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

FERNANDA LIMA LINHARES

**ENTRE O ROMANTISMO E O BURTONESCO: ECOS GÓTICOS DE
FRANKENSTEIN EM FRANKWEENIE.**

**GUARABIRA – PB
2017**

FERNANDA LIMA LINHARES

**ENTRE O ROMANTISMO E O BURTONESCO: ECOS GÓTICOS DE
FRANKENSTEIN EM FRANKWEENIE.**

Trabalho apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares
Fernandes

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L735e Linhares, Fernanda Lima.
Entre o romantismo e o burtonesco [manuscrito] : ecos góticos de Frankenstein em Frankweenie / Fernanda Lima Linhares. - 2017.
30 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Frankenstein. 2. Gótico. 3. Burtonesco. 4. Frankweenie. 5. Adaptação. 6. Intertextualidade.
21. ed. CDD 401.41

FERNANDA LIMA LINHARES

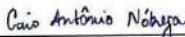
**ENTRE O ROMANTISMO E O BURTONESCO: ECOS GÓTICOS DE
FRANKENSTEIN EM FRANKWEENIE.**

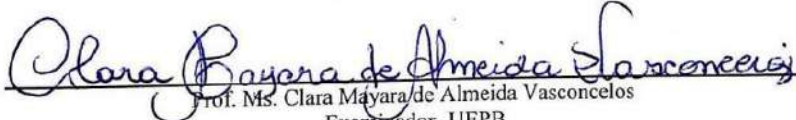
Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, com Habilitação em Língua Inglesa, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada.

Aprovado em 03 de 08 de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Orientador – UEPB


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Examinador - UEPB


Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Examinador - UEPB

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram e contribuíram para que eu chegasse onde cheguei. A todos os professores que passaram por minha vida através de todos esses longos anos, em especial ao meu professor orientador Auricélio Soares, por sua paciência e por ser esse exemplo de profissional (Quando eu crescer quero ser igual ele, que hino de teacher haha)

Meus pais, Rosângela Lima Costa e José Fernandes Linhares que me ensinaram desde as primeiras palavras, dar os primeiros passos a todos os princípios de vida, que mesmo de maneira “torta” sempre me incentivaram a estudar, já dizia o sábio “seu José” nesta vida podem tirar tudo de você, menos os estudos. Obrigada por cada centavo investido no meu futuro eu serei eternamente grata a vocês. Não posso esquecer de agradecer também a minha irmã Rafaela, por ter lido as vezes contra sua vontade trecho por trecho desse trabalho, e aturado minhas perguntas como “ficou bom? ”, “o que tu acha? ”, “tu concorda? ”

A todos os meus colegas de sala, em especiais Mariana Coutinho que me emprestou o livro *Frankenstein* de Mary Shelley, sem ele eu não teria conseguido executar esse trabalho e Raíssa Albuquerque que foi minha parceira de trabalhos durante toda a graduação. Sem esquecer de todos os outros colegas de faculdade, ou não, mas que de certa forma contribuíram para que esse trabalho fosse concluído, Karol Sales, Jeane Cardoso, Larissa Silva, Lillian Kasey, Taísa Santos, Jakellynne Deodato, Jaqueline Costa, Thiago Nunes, Daniel Carneiro, Roberta Melo, Wesley Aguiar, Orlei Pereira e a mais especial de todas, minha parceira de estudos e de vida, Amanda Caroliny, eu não seria nada sem você, obrigada por toda paciência e apoio.

E por último e não menos importante, aliás o mais importante de todos, o meu computador maravilhoso que não me fez passar raiva, e não travou nem deu pau em momento nenhum, computador eu escolhi te amar.

RESUMO

Este trabalho propõe analisar o romantismo gótico nas obras da escritora Mary Shelley, *Frankenstein ou o moderno prometeu* bem como *Frankenweenie* do cineasta Tim Burton. Intenta-se também discutir como a obra de Mary Shelley influenciou o cineasta em seu processo de criação e como ambas as obras dialogam entre si. Através da concepção de comparação e intertextualidade analisaremos a relação criador e criatura em ambas as obras e discutiremos seus aspectos convergentes, tais como características do personagem e construção do enredo, como também onde as duas obras se divergem. Consideraremos ainda investigar e buscar refletir sobre a estética criada por Tim Burton, denominada como “Burtonesco ou Burtonesque” e evidenciaremos suas características e o desempenho reflexivo no âmbito social e cultural. Para a vigente pesquisa utilizamos como aportes teóricos estudos de Martoni (2011), Wood (2011), Gouveia (2012), Stam (2006), Abreu (2016) Kristeva (1974) entre outros.

Palavras Chaves: Frankenstein; Gótico; Burtonesco; Frankenweenie; Adaptação; Intertextualidade.

ABSTRACT

This work proposes to analyze the Gothic romanticism in the works of the writer Mary Shelley, *Frankenstein or the Modern Prometheus* as well as *Frankenweenie* by Tim Burton. We also intend to discuss how Mary Shelley's works influenced the Burton in his process of creation and how both works are connected with each other. Through the conception of comparison and intertextuality, we are going to analyze the creator and creature relationship in both works and discuss their convergent aspects, such as character traits and plot construction, as well as the divergent aspects. We also are going to consider investigating and reflecting on the aesthetics created by Tim Burton, known as "Burtonesque" and will show its characteristics and reflective performance in the social and cultural forms. For the current research, we use as theoretical contributions studies of Martoni (2011), Wood (2011), and Gouveia (2012), Stam (2006), Abreu (2016) Kristeva (1974) and others.

Key Words: Frankenstein; Gothic; Burtonesque; Frankenweenie; Adaptation; intertextuality.

“If I cannot inspire love, I will cause fear!”
— Mary Wollstonecraft Shelley, *Frankenstein*.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Dr. Flinklestein	19
Figura 2 – Sally.....	19
Figura 3 – Victor Van Dort.....	20
Figura 4 – Victor Frankenstein (Frankenweenie).....	20
Figura 5 – Pôster do filme A noiva cadáver.	22
Figura 6 – Cena do filme Edward mãos de tesoura.....	22
Figura 7 – Frankenweenie (Curta metragem).....	24
Figura 8 – Laboratório do Victor Frankenstein (Frankenweenie).....	26
Figura 9 – Cena do cemitério (Frankenweenie)	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10 a 11
2. MARY SHELLEY, FRANKENSTEIN OU O MODERNO PROMETEU.....	12
2.1 MARY SHELLEY	11 a 12
2.2 FRANKENSTEIN OU O MODERNO PROMETEU	13 a 14
3. SOBRE TIM BURTON.....	15
4. A INFLUENCIA DE MARY SHELLEY SOBRE TIM BURTON	16 a 20
5. O GÓTICO POP DE TIM BURTON.....	21 a 23
6. O ROMANTISMO GÓTICO EM FRANKENWEENIE E FRANKENSTEIN.....	24 a 30
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal discutir uma leitura do romantismo gótico nas obras *Frankenweenie* (2012) dirigida pelo cineasta Tim Burton, e o clássico romance de Mary Shelley, *Frankenstein ou o moderno prometeu*¹. Levaremos em conta estudos de Alex Martoni (2011), Wood (2011), Gouveia (2012), Stam (2006), Abreu (2016), Kristeva (1974) entre outros que discutem a estética gótica e intertextualidade na literatura e no cinema.

Assim, embora mídias distintas, literatura e cinema, concordamos que através da intertextualidade essas duas estéticas podem gerar um diálogo, “uma vez que a obra resgata aspectos relevantes do romance sem tentar “recontar” a história” (GOUVEIA, 2012). As duas narrativas vão nos apresentar a história de um criador e seu monstro, contudo Burton nos conta história de maneira diferente. E, desta forma, propomos analisar até que ponto as obras convergem e a partir de onde elas divergem.

Nos capítulos que iniciam o trabalho, especificamente dos tópicos dois ao três, propomos discutir a vida e obra dos criadores de *Frankenstein* e *Frankenweenie*. No segundo tópico do presente. Trabalho, propomos investigar a vida da escritora Mary Shelley e seu desempenho na literatura. Em seguida, trazemos um breve resumo de seu mais famoso romance *Frankenstein*. Logo adiante, no terceiro tópico, apresentaremos uma discursão sobre Tim Burton assim também falaremos um pouco da sua história no cinema. No quarto tópico, abordaremos os aspectos contidos em alguns de seus trabalhos cinematográficos além de *Frankenweenie*, que fazem alusão a famosa obra de Mary Shelley, *Frankenstein*.

No quinto tópico, apresentaremos algumas considerações sobre a estética do gótico, assim como uma provável definição do termo e sua aplicação em vários setores sociais e culturais, Martoni, (2011). por exemplo argumenta que a estética do romantismo gótico presente no âmbito literário é caracterizado pelas paisagens assombradas e narrativas repletas de uma atmosfera de mistério. No romance de Mary Shelley, essas características se fazem presente, e esse é o aspecto do gótico que Burton resgata em sua obra *Frankenweenie*.

¹A edição de *Frankenstein ou o Moderno prometeu* utilizada para este trabalho foi a da editora L&PM POCKET, 2014. Tradução de Miécio Araújo Jorge Honkins.

Sabemos que *Frankenstein*, o clássico romance de Mary Shelley é referência na literatura mundial bem como no cinema, uma vez que traz as inquietações do homem moderno diante do uso da ciência e da tecnologia, que se alastravam na Inglaterra do período romântico. Assim, discutiremos como essa obra interferiu diretamente e indiretamente no trabalho cinematográfico e no processo de criação do cineasta Tim Burton, além de todo o gênero fílmico do terror, tão popularmente conhecido entre nós.

Em *Frankenstein*, o monstro criado por Mary Shelley ganha, através do olhar criativo de Burton, uma nova concepção, na qual o cineasta busca apresentar um aspecto positivo na relação entre criador e criatura, contrário à autora, uma vez que em *Frankenstein* o relacionamento entre a criatura e seu criador é divergente da elaboração apresentada por Burton no filme *Frankenweenie*, e esta concepção será discutida no sexto tópico do presente trabalho.

Esta pesquisa está fundamentada, conseqüentemente em analisar a estética gótica, tal como retratada na obra cinematográfica de Burton, com finalidade de denotar e buscar reflexão que objetiva apontar elementos que contém esta linguagem na obra cinematográfica do cineasta.

2. Mary Shelley e Frankenstein ou o Moderno Prometeu

2.1 Mary Shelley

Para iniciarmos nossa discussão, achamos relevante adentrar num breve histórico sobre a criadora da obra que primeiro despertou-nos inquietação com essa pesquisa: Mary Shelley. A autora do romance *Frankenstein* é considerada uma das primeiras feministas de seu tempo, escritora de várias obras literárias tais como *O último homem*, de 1826, romance que é sobre uma Inglaterra em um futuro pós- apocalíptico no século XXI. Shelley também escreveu as obras *Matilda*, 1820, que aborda temas sociais como incesto e suicídio, e *Valperga*, publicado em 1823. Obra que narra as aventuras do ditador Castruccio Castracani. O seu romance intitulado *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* foi sua obra mais bem-sucedida, considerada como a primeira obra de ficção científica da história tornando-se um clássico da literatura mundial; tal obra foi publicada entre os anos de 1816 e 1818.

Mary Wollstonecraft Godwin é seu nome de batismo. Ela nasceu no dia 30 de agosto de 1797 em Londres, Inglaterra, e faleceu no dia 1 de fevereiro de 1851, vítima de tumor cerebral, aos 53 anos de idade. O dom da escrita percorre as veias de Mary Shelley, que desde muito cedo fora encorajada a ter um pensamento livre. Ela cresceu cercada de influências literárias, pois seu pai é o filósofo, escritor e político William Godwin e sua mãe é a famosa escritora e pedagoga Mary Wollstonecraft, que também é reconhecida como uma das fundadoras do feminismo, em 1814.

Aos 17 anos, Mary Shelley inicia um romance amoroso com o Percy Shelley com quem em 1816, ela casa-se e constrói uma família; a escritora adquire o sobrenome do esposo, tornando-se Mary Wollstonecraft Shelley.

Em sua pesquisa, Mary Shelley, Frankenstein e a Villa Diodati, BUZWELL, 2014. Afirma que em 1816, o casal decide passar o verão em Genebra, Suíça com o Lorde Byron, William Polidori, e Claire Clairmont entre outros amigos, foi neste verão que Shelley escreveu o romance *Frankenstein* com apenas 19 anos de idade.

O clima no verão de 1816 foi memorável por todas as razões erradas. A erupção do Monte Tamboro na Indonésia, em abril de 1815, enviou nuvens de cinzas vulcânicas ondulando na atmosfera superior. O sol estava obscurecido; os níveis de chuva aumentaram e as temperaturas caíram. O verão do ano seguinte foi, portanto, lúgubre e úmido, com baixas temperaturas e chuvas torrenciais causando falhas de colheitas desastrosas em toda a América do Norte, Europa e Ásia. (BUZWELL, 2014)²

Na passagem acima, Buzweel comenta sobre a atmosfera da Villa Diodati no verão de 1816. A nevoa vulcânica, chuva e cenário tenebroso nos remete à estética gótica contida na obra de Shelley.

A obra foi publicada entre 1816 e 1818, porém costumam priorizar a terceira revisão publicada em 1831. No romance Mary Shelley manipula de temas populares da época que escrevia o romance, ela tinha algumas preocupações com o aproveitamento do conhecimento, da conquista da tecnologia para a vida moderna.

2.2 *Frankenstein ou o Moderno Prometeu*

Mesmo aqueles que não são fãs de literatura, cinema ou do gênero do horror conhecem a história de *Frankenstein*, pois esta é uma das obras de maior sucesso do gênero, sucesso que dura mais de 200 anos. Dialogando com o suspense e o terror psicológico, o romance nos apresenta a história de Victor Frankenstein, um aluno aplicado de Filosofia Natural, que ansiava, desde a infância, manifestar para o mundo os mistérios mais profundos da criação.

O romance é epistolar, narrado através de cartas que foram escritas pelo capitão Robert Walton para sua irmã durante uma expedição náutica, na qual ele estava no comando. A história se inicia com Victor Frankenstein sendo retirado de um mar gelado à beira da morte; Victor narra a sua história de vida para o capitão Robert Wolton e o mesmo registra tudo.

A história se alterna entre as visões da criatura e do seu criador. Depois de muitos anos de estudos o cientista descobre o segredo da vida e cria um monstro fazendo uso de restos mortais de seres humanos. Com quase 2,5 m de altura e pele amarela, a fisionomia da criatura

The weather in the summer of 1816 was memorable for all the wrong reasons. The eruption of Mount Tamboro in Indonesia in April 1815 sent clouds of volcanic ash billowing into the upper atmosphere. The sun was obscured; levels of rainfall increased and temperatures fell. The summer of the following year was thus dismal and damp, with low temperatures and torrential rain causing disastrous crop failures throughout North America, Europe and Asia. (BUZWELL, 2014)

era tão horrenda que ninguém suportava encará-lo. Vejamos por exemplo, esta passagem do romance:

Como posso descrever minhas emoções ante aquela catástrofe, como reescrever aquela ruína que eu, com esforço infinito e zelo, havia tentado formar? Seus membros eram bem-proporcionados, e eu havia escolhido e trabalhado suas feições para que fossem belas. Belas! Meu Deus! Sua pele amarela mal cobria o relevo dos músculos e das artérias que jaziam por baixo; seus cabelos eram corridos e de um negro lustroso; seus dentes, alvos como pérolas. Todas essas exuberâncias, porém, não formavam senão um contraste horrível com seus olhos demasiados, quase da mesma cor acinzentada das órbitas onde se cravavam, e com a pele encarquilhada e os lábios negros e retos. (SHELLEY, 2014. p. 63)

Na citação acima notamos o desapontamento e pavor do cientista ao se deparar com a criatura que acabara de criar. Quando o doutor Victor Frankenstein o concede vida, percebe o quão abominável era a sua criação, e então ele foge apavorado. A criatura destinada a viver em completa solidão, passa a perseguir o seu criador em busca de vingança.

3- Sobre Tim Burton

O cineasta americano Timothy William Burton, conhecido popularmente por Tim Burton, nasceu na cidade de Burbank, na Califórnia, nos Estados Unidos, no dia 25 de agosto de 1958. Burton é aclamado por seu conjunto de obras cinematográficas e seu estilo chamado por alguns de burtonesco, sobre o qual discutiremos mais à frente. Fazem parte da cultura *pop*, seus filmes como *Edwards Mãos de Tesoura* (1991), a versão de 2015 de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, *Alice no país das Maravilhas* (2010), *Batman* (1989) e o musical *Sweeney Todd* (2007) fazem parte deste conjunto. Vejamos a citação abaixo:

Suas raízes introspectivas moldaram sua infância de forma incomum, tornando-o uma criança solitária cujo refúgio era encontrado no mundo da imaginação. Essa tendência para o isolamento fez com que a literatura, a televisão e o cinema se tornassem suas melhores e principais companhias. Por meio desses veículos, rapidamente descobriu e se identificou com a fantasia gótica, o gênero do horror, os contos de fadas e os filmes de monstros. (ABREU, 2016, P. 5)

De acordo com Abreu (2016). O macabro, o gótico e a solidão, que são características de maioria da suas obras e personagens, sempre fizeram parte da vida de Burton uma vez que o mesmo em sua juventude guerreava contra a solidão desenhando monstros que assombravam sua imaginação. Em 1976 Tim Burton ingressa na *California Institute of the Arts*, com uma bolsa de estudos concedida pelos estúdios Disney, e em 1979 inicia seu trabalho como estagiário na função de aprendiz de animador da empresa *The Walt Disney Company*.

Frankenweenie foi um dos primeiros curta-metragem a ser produzido por Tim Burton, tendo sido lançado em 1984. O mesmo foi o motivo de sua demissão da empresa, pois seu conteúdo fora considerado muito tenebroso para o público infanto-juvenil; contudo o trabalho do cineasta não parou por aí. Ele traz em seu currículo inúmeros trabalhos bem-sucedidos e de imenso sucesso. O cômico universo de terror criado por Tim Burton reflete fortemente a cultura *pop* e por ela é refletido.

4- A Influência de Mary Shelley sobre Tim Burton

Os monstros da literatura têm causado impactos significantes em nossa sociedade através de livros, séries, programas de tv e o mais importante, os protagonistas da grande tela, do cinema. Esta significância faz com que romances como *Drácula* e *Frankenstein* ecoem na cultura popular em variadas formas midiáticas, como quadrinhos, jogos de videogame, *graphic novels*, entre outras.

Considerado um dos grandes clássicos do horror na literatura, *Frankenstein* vem sendo adaptado ao longo dos séculos nas diversas formas de mídias e gêneros, a obra já ganhou até versões em quadrinhos³ no Brasil. O romance de Mary Shelley foi primeiramente adaptado para o teatro, e sua primeira adaptação cinematográfica foi produzida por Thomas Edson⁴ no ano de 1910. A adaptação mais marcante de *Frankenstein* e que ganhou mais reconhecimento foi a de 1931. Dirigida por James Whale; essa adaptação deu a aparência mais conhecida ao monstro, apesar da mesma não ser fiel à descrição original do livro, um dos pontos que a crítica já considerou como ponto importante de adaptações cinematográficas. Para melhor compreensão da temática de adaptações de aspectos góticos vejamos a citação a seguir:

A observação e apreciação da arquitetura arrojada gótica existente na Idade Média influenciou a criação de inúmeras histórias sombrias e macabras que fascinaram o leitor da época, que por sua vez, movimentou o mundo literário e perpetuou a cultura gótica levando-a as salas de cinema. Foi justamente a releitura dos romances medievais impregnados de mistério, pavor e tensão que impulsionou a criação de uma forma literária de ficção, a qual retratava eventos sinistros e sobrenaturais ocorridos em castelos, ruínas e cemitérios (ALBUQUERQUE, 2013, p.4).

A partir desta perspectiva, podemos afirmar que algumas temáticas características da literatura gótica tomaram conta do cinema desde seus primórdios, no final do século XIX, de forma que o mundo cinematográfico encontrou na literatura, principalmente no terror, uma grande inspiração para a construção da chamada estética de terror, seja na construção da atmosfera, dos personagens típicos, do enredo e principalmente do medo.

³ A artista plástica Taísa Borges foi responsável por uma das mais recentes adaptações da obra da Mary Shelley em formato de HQ, a edição foi lançada em 2013. Disponível em: Editora Peiropolis, disponível em (<http://www.editorapeiropolis.com.br/livro/?id=288>)

⁴ Thomas Edson, foi um inventor e empresário dos Estados Unidos que desenvolveu muitos dispositivos importantes de grande interesse industrial a Lâmpada foi a maior de suas invenções. CASTELLARI, 2013.

O cineasta Tim Burton por sua vez traz em seu currículo inúmeros trabalhos que tiveram como texto-fonte famosas obras literárias. Dois dos mais recentes foram filmes lançados no ano de 2016, *Alice Através do Espelho*, que é a continuação do *live action*⁵ de 2010 *Alice no país das maravilhas*, ambas originárias dos romances de Lewis Carroll, e *O orfanato da Sra. Peregrine para crianças peculiares*, adaptação do romance intitulado como *O lar das crianças peculiares*, escrito por Ransom Riggs.

A figura do monstro de *Frankenstein* influenciou diversos artistas, dentre eles, o cineasta Tim Burton, conhecido por seu estilo peculiar, influenciado pela estética gótica e pelo expressionismo alemão. Nas suas criações, de “sonhos sombrios e pesadelos coloridos” (WOODS, 2011, p. 9 apud GOUVEIA, 2012, p. 17), as referências à obra de Mary Shelley encontradas não apenas em um, mas em vários de seus filmes; muitas dessas são explícitas e conseguimos identificá-las facilmente, como é o caso de *Frankenweenie*; outras porém, exigem do telespectador um conhecimento de mundo prévio para conseguir associá-las a um texto-fonte, para que não passem despercebidas. Porém, o que podemos afirmar, de fato, é que existe uma grande influência da escritora Mary Shelley e seu romance *Frankenstein* sobre as obras cinematográficas e personagens criados por Tim Burton.

Segundo Yutaka, (2012), a maioria dos personagens principais de Burton são considerados “Outsiders”⁶. “O estilo burtonesco é, pois, definido por um fascínio pelo monstruoso, bem como por conflitos internos de personagens que são inseridos em um contexto de isolamento e de impossibilidade de adaptação” (ABREU, 2016, p. 5) Como Edward, personagem principal de *Edwards mãos de Tesoura*, e Jack, em *O Estranho Mundo de Jack*, estes personagens apesar de serem inseridos no meio social, em convívio com outras pessoas, são incompreendidos, de forma que os personagens lidam bem com a solidão. *Outsiders* tem como características o fato de viver à margem da sociedade que consideramos como “normal” são antissociais, incompreendidos, solitários e melancólicos, características estas que nos remetem ao Monstro criado pelo doutor Victor Frankenstein.

Diante das características físicas e psicológicas dos personagens criados, observamos que Burton, à medida em que caracteriza seus personagens, conta com o

⁵ Live-Action: este termo é usado para definir não apenas filmes, mas também jogos eletrônicos ou similares, que usam atores e atrizes em vez de imagens animadas.

⁶ Outsider é aquele que não se enquadra na sociedade, que vive à margem das convenções e determina seu próprio estilo de vida, através de suas crenças e valores. Origem em: Dicionário Informal, disponível em: (<http://www.dicionarioinformal.com.br/outsider/>)

obs.: A seguinte citação não contém número de página, por ter sido retirada de um artigo online. Disponível em: (<http://www1.valor.com.br/cultura/2720474/tim-burton-e-disneylandia-dos-outsiders>)

conhecimento prévio do telespectador e, assim intertextualiza a história e seus personagens, de modo que se compreende que é papel de quem está a assistir ao filme “desconstruir” o jogo comunicativo proposto pelo criador. Diante do que foi discutido acima, vemos agora alguns exemplos.

Para podermos entender melhor as referências nos filmes de Tim Burton se fazem necessários conhecimento sobre a intertextualidade, ou seja, a execução de um “texto” com base em outro previamente estruturado. Kristeva (1974), A primeira a expor noções de intertextualidade, diz que “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA. 1974 p. 64). Segundo a teoria de Kristeva, afirmamos que os personagens de Burton são constituídos com fundação na estrutura criada por Mary Shelley, sendo esses personagens constituídos “como mosaico de citações” Seja pela obra da escritora, seja pela própria vida e características do cineasta.

No filme *Edward Mãos de Tesoura* (1990), temos a relação Criador e Criatura a qual nos foi apresentada em Frankenstein. O filme conta a história de um inventor que queria produzir um homem de carne e osso de forma não natural com o uso da tecnologia. Ele dá vida a Edward, assim como Victor Frankenstein dá vida ao monstro. Porém, antes de conseguir dar mãos humanas para Edward, o criador morre e deixa no lugar das mãos enormes tesouras, isso faz com que Edward seja impedido de viver uma vida normal em meio à sociedade.

Outra obra de Tim Burton onde encontramos a relação entre criador e criatura é *O Estranho Mundo de Jack*, filme produzido em *Stop Motion*⁷ lançado em 1993. Essa animação mescla elementos de humor, fantasia, terror e algumas características e musical.

⁷ Stop Motion é uma técnica de animação muito usada, com recursos de uma máquina fotográfica, ou de um computador. Os modelos são movimentados e fotografados quadro a quadro. Esses quadros são posteriormente montados em película cinematográfica criando a impressão de movimento.



9Figura 1: Dr. Finklestei, 1993



figura 2: Sally, 1993

Dentro da narrativa *O Estranho Mundo de Jack* temos dois personagens secundários que fazem referência aos personagens principais do romance *Frankenstein*: o Dr. Finklestei, como podemos observar na primeira figura faz alusão a Victor Frankenstein. Ele deu vida à personagem Sally, ao observarmos a segunda figura é a representação do monstro criado por Frankenstein. Como já exposto anteriormente, Burton traz em sua obra referências de outras fazendo uso de alusões ou referências, tipos de intertextualidade. Acerca disso, Robert Stam (2006) comenta:

A intertextualidade, talvez a mais óbvia das categorias, chama atenção para o papel genérico da alusão e da referência em filmes e romances. Esse intertexto pode ser oral ou escrito. Frequentemente o intertexto não está explícito, mas é, mais precisamente, as referências a conhecimentos anteriores que são assumidamente conhecidos. (STAM, 2006, p.6)

Ou seja, por vezes a referência é inserida de forma indireta e não explícita, como por exemplo o personagem Victor Van Dort, sobre quem iremos nos aprofundar melhor a seguir. O nome Victor, que apesar de não ser alusão direta ao personagem do romance, ainda assim faz referência a Victor Frankenstein, por outro lado nos deparamos com o personagem de *O Estranho Mundo de Jack*; Dr. Finklestein que é a representação explícita do Dr. Victor Frankenstein, dessa forma a intertextualidade no cinema conta com o conhecimento prévio do espectador.

O filme *A Noiva Cadáver*, é assim como *O Estranho Mundo de Jack*, uma animação dramática de fantasia sombria, feita em Stop Motion. A animação mostra, criticamente, como a sociedade induz a não externar seus sentimentos ou até mesmo, aventurar-se a ser diferente,

por simplesmente não querer contradizer o que a grande maioria diz. Existem dois mundos, o dos vivos e o mundo dos mortos.



Figura 3: Victor Van Dort, *A Noiva Cadáver*, 2005. Figura 4: Victor Frankenstein, *Frankenweenie*, 2012

O personagem principal de *A Noiva Cadáver* da terceira figura chama-se Victor Van Dort, nome qual nos remete a Victor Frankenstein tanto o personagem criado por Mary Shelley quanto a Victor Frankenstein personagem da quarta imagem, proposto por Tim Burton para o filme *Frankenweenie*. O nome não é a única característica em comum dos personagens; as aparências físicas de ambos também são semelhantes, os personagens possuem um cachorro, que também se assemelham fisicamente. Alguns blogs⁸ espalhados pela internet, levantam a teoria de que a história de *O Estranho Mundo de Jack*, *A Noiva Cadáver* e *Frankenweenie* estão interligadas, *Frankenweenie* vai contar a história da infância de Victor, *A Noiva Cadáver* sua fase adulta e *O Estranho Mundo de Jack* sua vida após a morte.

⁸ Teoria da conspiração – Ligação entre as animações de Tim Burton. Disponível em: (<https://www.dizae.com.br/index.php/2016/09/16/teoria-da-conspiracao-ligacao-entre-as-animacoes-de-tim-burton/>)

5- O Gótico Pop de Tim Burton

Quando pensamos em “gótico”, nossa mente nos transporta a várias de suas vertentes; costumamos associar a palavra “gótico” à moda gótica, estilo que ficou conhecido por suas vestimentas em tonalidades escuras, como preto, vermelho e vinho, vestidos logos de renda, espartilhos, luvas e maquiagem pesada, também caracterizam está estética. A moda gótica da década de 70 é considerada por muitos uma roupa moderna do estilo vitoriano; outra de suas vertentes é a arquitetura gótica, que foi o processo de edificação urbana entre os séculos XII e XIII, caracterizado pelas catedrais e monumentos desenvolvidos na França no período da Idade Média.

Porém, na literatura temos grandes nomes como o do escritor Edgar Allan Poe que é considerado como o pai do horror, que foi um dos responsáveis pelo movimento romântico gótico no século XIX. Esse movimento é considerado um subgênero do Romantismo, e o Gótico na literatura se caracterizou pela melancolia, temas sombrios, atmosfera decadente e lúgubre e principalmente personagens típicos do sobrenatural, como Alex Martoni (2011) afirma em sua pesquisa sobre a estética gótica na literatura e no cinema:

A releitura que os românticos fazem da estética medieval estimula a criação de uma forma literária de prosa de ficção que apresenta narrativas impregnadas por uma atmosfera de mistério, pavor, permeada por eventos sinistros e sobrenaturais ocorridos em castelos e casas antigas, ou seja, surge o modelo daquilo que convencionalmente chamamos de ficção gótica (MARTONI, 2011, p. 02)

Ademais, “coube aos filmes de horror de estética gótica, portanto, dar vida e fama às figuras de Frankenstein, do lobisomem, da múmia, além do próprio conde Drácula” (MARTONI, 2011, p. 2) Por sua vez, Tim Burton nos apresenta uma roupa diferente do gótico tradicional, desassociando o gótico do mal. Quando pensamos em castelos medievais, cenários ou fenômenos naturais, que consideramos como tenebrosos, por exemplo, florestas, à noite, nevoa ou a própria morte, pensamos em algo negativo. O obscuro sempre é associado ao “mal” e o que Tim Burton faz em seus filmes é contradizer tal ideia de forma sutil que a vida, as cores alegres e os fatos do cotidiano, que são considerados como o “lado da luz” e associados ao “bem”, podem ter significados diferentes. Burton justapõe em seus filmes a fantasia gótica e a ironia em forma de crítica.



Figura 5: A noiva Cadáver, 2005. Mundo dos vivos x Mundo dos mortos

No filme *A Noiva Cadáver*, um fato intrigante é perceber que o mundo mais colorido e animado é exatamente o mundo dos mortos, enquanto o dos vivos é cromatizado em cores pouco saturadas, é pálido e sem graça, um lugar muito mais fúnebre e contido, como podemos observar na figura a seguir. Ao aplicar as cores desta maneira ele, cria um paradoxo que faz o espectador ser atraído pelo lado dos mortos, um lugar fora dos padrões, com personagens anteriormente considerados “feios” e “amedrontadores” ganhando uma nova concepção através dos olhos de Burton, que constrói o mundo dos mortos com um aspecto divertido e receptivo, contrário a vida, que se mostra egoísta, materialista, hipócrita e cheia de maldade.



Figura 6: Edward Mãos de Tesoura, 1990. Contraste entre as cores da cidade “alegre e colorida” com a do castelo “sombrio”

De forma semelhante, no filme *Edward Mãos de Tesoura* observamos que Burton brinca com as cores, invertendo os valores exatamente como acontece em *A Noiva Cadáver*. Na imagem acima podemos observar o contraste entre o castelo onde Edward vivia e o subúrbio logo abaixo onde habitavam as famílias tradicionais americanas, Tim Burton corrrompe o estereótipo entre o bem e o mau e quando nos apresenta a reflexão dentro da narrativa que a bondade e gentileza não estão no lado colorido e alegre do filme, e sim no lado mais escuro e sombrio do mesmo.

Burton inverte a percepção do escuro e do gótico como amedrontador: o mal e o corrupto no gótico de Burton não habitam castelos sombrios ou laboratórios, mas comunidades coloridas do *American Way Life*; em larga medida, isso traduz um dos aspectos mais românticos do romance. Permite-nos pensar nos estereótipos e em como nós somos condicionados a perceber o lado “sombrio” como o mau. A bondade e a delicadeza estão no lado escuro, e não no lado colorido do filme. (GOUVEIA, 2012, p. 29)

Com seu amor pelo macabro, nos filmes de Burton sempre há uma presença de histórias de amor em seus enredos, onde ele busca trazer, por meio da envolvente estética gótica, o lado bom das mais profundas tristezas da vida, popularizando a ambientação gótica cinematográfica com seu estilo próprio, fazendo com que a mesma seja melhor recebida pela crítica e atinja uma quantidade maior e mais diversificada de espectadores.

6 O Romantismo Gótico em *Frankenweenie* e *Frankenstein*

“Cinema e literatura - Desde o início da sétima arte vêm-se influenciando e se modificando. Filmes são textos que dialogam, interferem e são recebidos pelo mesmo público que lê e que escreve” (GOUVEIA, 2012, P. 9). Os personagens do romance *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* serviram de referência não só no meio cinematográfico, como também em diversos outros gêneros artísticos. Tim Burton adaptou *Frankenstein* em forma considerada como “autobiográfica” por trazer acontecimentos reais de sua infância nessa adaptação:

Eu tinha acabado de rever *Frankenstein* e comecei a pensar, não sei por que, em um cão que tive na infância. E imaginei quão incrível era o tema de *Frankenstein*, trazer alguém de volta à vida. Mas todas as versões feitas até ali só lidavam com os aspectos ruins da coisa. Chegou uma hora em que o filme e a lembrança sobre o meu cão se conectaram, e começamos a desenvolver aquilo. (BURTON apud WOODS. 2011, p. 30)

Frankenweenie (1984) foi produzido no formato de curta-metragem. A trama traz a história de *Victor Frankenstein* um jovem garoto que após ter seu cãozinho *Sparky* atropelado, tenta trazê-lo de volta à vida fazendo uso da eletricidade, tal como Frankenstein “cria” seu monstro. O curta-metragem causou a demissão de Burton da empresa *The Walt Disney Company*, como já discutido anteriormente, assim é válido ressaltar novamente que a causa desta demissão supostamente fora a classificação do filme, na época considerado muito “macabro” para o público infanto-juvenil.



Figura 7: *Frankenweenie* – Curta Metragem, 1984.

Vinte e oito anos após os ocorridos de 1984, Tim Burton retorna aos estúdios Disney, resgata as ideias daquele curta e o transforma em um longa-metragem de animação, feito em *stop-motion* e totalmente em 3D; *Frankenweenie* foi lançado nos cinemas no ano de

2010. O *remake* foi filmado todo em preto e branco assim como foi o original de 1984. Podemos averiguar a estética na sétima imagem. No formato clássico de Burton, que traz para suas obras referências da ambientação cinematográfica gótica do século XX, *Frankweenie* dialoga com os gêneros de terror e comédia, aliando o macabro ao humor crítico, dando um aspecto diferente ao tenebroso. E assim como o original de 1984, o longa conta a história do jovem Victor Frankenstein e seu cão Sparky.

O filme inicia mostrando o cotidiano da vida de Victor, sua família e a relação do mesmo com seu cãozinho de estimação Sparky, o que nos remete à narração dos primeiros capítulos de *Frankenstein*, quando Victor conta a história de sua família e nos transporta para a sua infância, para que desta forma consigamos compreender os fatos a serem desencadeados durante a trama. Podemos perceber isso no trecho a seguir:

Nenhum ser humano poderia ter passado uma infância mais feliz do que eu. Meus pais estavam possuídos do verdadeiro espírito da bondade e da indulgência. Sentíamos que eles não eram os tiranos que dirigiam nossa vida a seu bel-capricho, mas os agentes criadores de todos muitos prazeres que desfrutávamos. Quando eu entrava em contato com as outras famílias, podia perceber muito bem quão singularmente feliz era a minha, e a gratidão que eu experimentava reforçava o meu amor filial. (SHELLEY, 2014. p.41)

Assim como o Victor Frankenstein do romance, o jovem Victor do filme de Burton possui habilidades especiais. Nas cenas iniciais do longa, Victor mostra sua criatividade e competências artísticas, assistindo junto com sua família a um curta-metragem que o mesmo produzira tendo seu cão Sparky como protagonista; porém, após o equipamento dar defeito, o mesmo leva-o para seu “laboratório” no sótão de sua casa para consertá-lo.

Em *Frankweenie*, a mãe de Victor diz que o menino passa muito tempo em “seu próprio mundo” enquanto crianças comuns buscam por diversão brincando, Victor encontra alegria se expressando através de criações inventadas por ele. Tais características nos recordam Vincent, personagem do curta metragem homônimo produzido por Burton em 1982. “A mensagem do protagonista gótico, enfim, configura-se na primeira obra autoral de Tim Burton: durante a narrativa, Vincent, um garoto de 7 anos de idade, vivencia emoções e devaneios que são no mínimo surpreendentes para alguém de sua idade” (MAJCZAK. 2011. p. 71). A partir desta perspectiva, percebemos que os aspectos como a criatividade, solidão e o lado sombrio dos protagonistas se assemelham.



Figura 8: Laboratório de Victor Frankenstein no filme Frankenweenie 2010.

Na figura apresentada acima temos o pequeno Victor em seu laboratório improvisado no sótão de sua casa. No romance também nos é ambientado o local de pesquisas do Dr. Victor Frankenstein, veja a seguir:

Num quarto solitário – melhor dizendo, numa sela – no alto da casa, separado de todas as outras dependências por um corredor e uma escada, eu mantinha minha oficina de trabalho, onde prosseguia com minha asquerosa criação; meus olhos quase saltavam das órbitas, atentos aos mínimos detalhes da minha tarefa (SHELLEY, 2014. p.60)

O longa propõe uma estrutura parecida com o que o livro nos apresenta; logo no segundo capítulo narrado por Victor Frankenstein, ele nos conta sobre sua infância com o propósito de fazer o leitor compreender os primórdios de seu interesse pelo conhecimento e a ciência, e prepara o leitor para as consequências futuras que este fato acarretará:

“... Meu temperamento era às vezes violento, e violentas as minhas paixões, mas por alguma lei que controlava meu eu, elas não se orientavam no sentido de objetivos infantis, e sim no de um impaciente desejo de aprender determinadas coisas, mas não de aprender tudo indiscriminadamente... O que eu desejava aprender eram os segredos do céu e da terra embora eu me ocupasse da substância das coisas ou do espírito da natureza e da misteriosa alma do homem, minhas pesquisas se dirigiam também para a metafísica ou, no seu mais alto sentido, para os segredos físicos do mundo.” (SHELLEY, 2014. p.41)

A melancolia é introduzida na narrativa fílmica quando Victor Frankenstein perde seu melhor amigo em um trágico acidente: Sparky fora atropelado ao atravessar a rua. Victor fica inconsolável e ainda mais solitário após a morte do animal. É durante a aula de ciências

naturais, depois de ver seu professor reanimando o cadáver de um sapo fazendo uso da eletricidade, que o garoto tem a ideia de reanimar o seu amado amigo.

Tanto no romance quanto no filme a ambientação gótica se torna mais forte a partir do momento em que Victor Frankenstein visita o cemitério para desenterrar corpos e realizar a façanha de ressusitar seu cão. Desta forma, é a partir desse momento que a narrativa de Shelley e a de Tim Burton ganham um tom mais sombrio.

Um segredo, que só eu possuía, era a esperança a que eu me entregava; e a lua contemplava meus trabalhos da meia-noite enquanto que, com uma impaciência inconstante e constante, eu perscrutava a natureza nos seus lugares ocultos. Quem poderá imaginar os horrores de meus trabalhos secretos, enquanto eu profanava sepulturas frescas ou torturava animais vivos para animar o barro sem vida? (SHELLEY, 2014. p.59,60)

Destacando alguns fragmentos do trecho acima, percebemos o tom sombrio que é introduzido na narração no momento que o cientista discorre as partes mais obscuras de sua pesquisa. Fazem-se uso de alguns elementos para suscitar o pavor, o tempo (hora), “trabalhos da meia-noite”, hora que demarca o fim de um dia e início da madrugada. A madrugada sempre é usada como referência ao horário que coisas ruins, perigosas e até mesmo sobrenaturais acontecem; no filme *O Exorcismo de Emily Rose* (2005) por exemplo, uma cena marcante, que transmite uma onda de horror ao espectador é quando o relógio paralisa todas as madrugadas exatamente as 3:00h. Qual o simbolismo por trás desse horário? Muitos acreditam que esta seja a hora em que os demônios estão na terra e os seres humanos estão mais vulneráveis. Isso é característico do Romantismo, as trevas cobrem a luz da Razão e ameaçam a tranquilidade, a meia noite é um símbolo temporal bem comum nos contos de Edgar Allan Poe, como em *O Corvo* e *O Coração Delator*. Palavras que incitam o mistério como “segredo, ocultos, secretos”, que despertam ainda mais um tom sombrio na narrativa, e por fim destacamos o ponto alto do terror, quando em poucas palavras o leitor é transportado diretamente ao cemitério onde o cientista se encontra profanando sepulturas e até mesmo torturando animais vivos e indefesos.

Se no romance é necessária uma ambientação fazendo uso de combinações de palavras-chaves para provocar o medo ou o pavor, nos filmes, os métodos utilizados são diversos. O que caracteriza um filme, especialmente os do gênero terror, é a combinação das luzes, sombras, cores e efeitos sonoros, todos contribuem para formar uma cena que cause medo e faça com que o público sinta aquilo que o personagem está vivendo na pele.

Burton faz uso de vários desses elementos na cena em que o pequeno Victor vai de encontro a sepultura do seu falecido amigo Sparky. Ele invade o cemitério de animais da cidade e conforme vai se aproximando do túmulo de seu cão a trilha sonora e a atmosfera em torno tornam-se mais sombrias, vários elementos naturais como a chuva, relâmpagos e trovões são introduzidos na cena para complementar a atmosfera tenebrosa. A cena da imagem a seguir também pode nos remeter e se assemelhar, quando se trata da combinação de aspectos em efeitos de som e iluminação que suscitam terror, à cena clímax do filme *Cemitério Maldito* (1989). Adaptação do homônimo de Stephen King; o clima sinistro, a iluminação sombria, os raios e barulhos de trovão contidas na trama de *Frankweenie* são representativos da estética utilizada por Mary Lambert em *Cemitério Maldito*.



Figura 9: Victor Frankenstein no cemitério de animais de New Holland. - Frankweenie 2010.

No romance, quando Frankenstein dá vida a seu monstro, nos deparamos com o seguinte trecho: “Oh! Nenhum mortal seria capaz de suportar o horror daquele rosto uma múmia revivida não seria tão horrorosa a aquele destroço”. (SHELLEY; 2014. p.64). Nesse momento, percebemos o desapontamento do cientista ao se deparar com a sua criação. Neste ponto as histórias se divergem, pois Tim Burton tenta trazer para *Frankweenie* um lado inexistente no romance de Mary Shelley: o amor entre o criador para com sua criatura.

Ao reanimar seu amigo, o coração do pequeno Victor se enche de alegria, situação oposta a sensação de pânico e repulsa que o doutor Frankenstein sente ao encarar sua criatura pela primeira vez.

Neste filme, em especial Tim Burton não faz uso das cores como símbolo de contraposição, pois a estética de sua obra cinematográfica é inteiramente em preto e branco, que simboliza a estética fílmica do final do século XIX dos irmãos Lumière, vejamos a seguir:

O cinema surge em resposta as tentativas de se colocar as imagens em movimento e que é alcançado pelo cinematografo dos irmãos Lumière. A primeira exibição pública ocorreu em 28 de dezembro de 1895, em Paris. Os filmes exibidos eram bem curtos, filmados em preto e branco e sem som. (PINTO, 2004. p.2)

Não é apenas Burton que atualmente resgata essa estética; considerada por muitos como “retrocesso do cinema”, não podemos concordar que o preto e branco no cinema moderno seja considerado como retrocesso, pois qualquer linguagem cinematográfica é consequência de avanços tecnológicos. *O Artista* (2011) que é um filme mudo e em preto e branco, dirigido por Michel Hazanavicius, foi vencedor do Oscar em 2012, expondo algumas transições que o cinema sofreu na década de 20, tais como a chegada do som.

Os elementos que caracterizam o gótico clássico, já citados anteriormente em análise da cena de Victor desenterrando Sparky, são utilizados durante toda a ambientação cinematográfica de *Frankenweenie*, porém sabemos que em toda sua obra, Tim Burton procura dar uma nova roupagem e significação ao gótico tradicional, implementando alguma crítica social que desfaça o conceito de que o bem e o mau são estereotipados.

A inversão de valores do gótico em *Frankenweenie* é introduzida como o conceito em que a sociedade não está pronta para encarar o que lhe tira de sua zona de conforto, o que é considerado “anormal” diante dos princípios tradicionais. Percebemos durante esta pesquisa que, muito mais do que um filme infanto-juvenil com uma mensagem de amor verdadeiro de um fiel cãozinho e o seu dono inconformado por sua perda, *Frankenweenie* pode também ser encarado como uma crítica social que desconstrói alguns valores sombrios atrelados ao gótico de *Frankenstein*, de Mary Shelley. No momento que os cidadãos de New Holland começam a perseguir Sparky acreditando que o mesmo é um monstro perigoso, a história nos leva ao seu desfecho e nos deixa uma lição; tal cena simboliza a passagem em que Victor Frankenstein quando encara o seu monstro não consegue enxergar além do que ver. No caso, uma aberração que o provoca terror, e assim ele foge, abandonando a pobre criatura. A criatura por sua vez é

capaz de aprender e de amar, e com a mesma intensidade é capaz de odiar, e cheio de ódio pelo abandono de seu mestre, a criatura o persegue em busca de vingança.

Em contrapartida, Sparky prova o contrário para todos que o veem como uma “aberração”, ele prova ser um ser inofensivo, cheio de amor e tão fiel a ponto de arriscar sua própria “vida” para salvar o seu amado amigo que está preso em um incêndio. Desta forma a trama emociona o público proporcionando-lhes um final feliz.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível apurar que o romance de Mary Shelley, mais de 200 anos após ser publicado ultrapassa as barreiras do tempo e ainda é referência tanto para a literatura quanto para as diversas mídias que surgiram posteriormente, sendo adaptado das mais diversificadas formas para o teatro, cinema, os quadrinhos, entre outros. Por se tratar de um marco da literatura gótica, a sombria estética atemporal de *Frankenstein* influenciou grandes nomes da literatura como também do cinema.

O encanto do universo de Tim Burton, que atrai tantos admiradores, é encontrado no misto de fundamentos analisados ao longo deste trabalho. Seus personagens sombrios são consequência da sua fascinação pelo macabro.

Pudemos compreender que Burton toma como referência em algumas de suas obras cinematográficas os personagens principais e a trama escrita por Mary Shelley, porém a autora e sua obra *Frankenstein* não são as únicas fontes de inspiração do cineasta, pois percebemos que seus filmes fazem alusão a várias outras obras independentemente do gênero; vimos expostas neste trabalho algumas das influências filmicas de horror e da literatura gótica que constituem *Frankenweenie*.

Burton reconta a história de Victor Frankenstein e sua criatura de forma alusiva e diferente em *Frankenweenie*. Pudemos analisar os pontos convergentes das obras, tais como a ambientação, atmosfera gótica, a construção de seu enredo, como também as divergências que ocorrem na relação do monstro com o seu criador. Concluímos que no filme de Burton existe um relacionamento de amor e afeição que é inexistente no romance escrito por Mary Shelley.

O humor é de fato uma de suas marcas e, com base em referências pessoais, Burton constrói sua própria estética denominada como “Burtonesco ou Burtonesque”, que é caracterizada pelo deslumbramento pelo monstruoso e estranho, pelo uso da cor como recurso de reflexão social, uma vez que ele cria um contexto visual que contrasta as características dos personagens pela inversão de valores sociais. Por fim, Burton mostra, em seu conjunto de obras cinematográficas, a reflexão que há bondade no sombrio e na morte.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tami de Castro. *et al.* **O uso da cor no cinema de animação de Tim Burton.** São Paulo: Revista Anagrama, 2016.
- ALBUQUERQUE, A **Literatura gótica uma breve apreciação.** UERN, 2013. Disponível em: (<http://www.arcos.org.br/artigos/a-literatura-gotica-uma-breve-apreciacao>)
- BURTON, Tim. **Frankenweenie,** Walt Disney, 2012.
- BUZWELL, Greg. **Mary Shelley, *Frankenstein* and the Villa Diodati.** 2014. Disponível em: (<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/mary-shelley-frankenstein-and-the-villa-diodati>)
- GOUVEIA, Aline. **Edward mãos de tesoura e Frankenstein: Um processo de apropriação.** Porto Alegre: UFRS, 2012.
- MAJCKZAC, Adriane de Paula. In the dark, no cinema de Tim Burton: A construção da personagem gótica e o estilo Burtonesque em Vincent e Edward Mãos de Tesoura. Curitiba: Universidade Tuiute do Paraná. 2011.
- MARTONI, Alex. **A estética Gótica na literatura e no cinema.** Curitiba: UFF, 2011.
- MURACA, Márcio Henrique. **Tim Burton e o Burtonesque: A Inversão do Conto de Fadas.** Rio de Janeiro: Revista Semioses, 2010.
- PINHEIRO, Renato. **Leitura Texto, Intertextualidade, Paródia.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2003.
- QUEIROZ, Clara. **Uma Mulher Singular. Mary Shelley (1797-1851).** Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, Portugal, 2014.
- SHELLEY, MARY. **Frankenstein.** Porto Alegre: L&PM POKCKET, 2014.
- STAM, Robert. **Teoria e Prática da adaptação: Da fidelidade a Intertextualidade.** Florianópolis: NY University, 2006.
- WOOD, Paul a. **O estranho mundo de Tim Burton,** São Paulo: LeYa, 2011.
- YUTAKA, Bruno, **Tim Burton e a Disneylândia dos outsiders.** Valor Econômico, 2012. Disponível em: (<http://www1.valor.com.br/cultura/2720474/tim-burton-e-disneylandia-dos-outsiders>)